

### **Tornaghi**

No começo da Revolução Cubana, Che Guevara em reunião com cineastas proclama: “qualidade é respeito ao povo.”

Os fotógrafos chamam a atenção para a diferença entre clicar e compor uma foto. O olhar registra o que a imaginação constrói.

### **Rene Peña**

Quando eu tive uma câmera na mão, isso não foi quando eu comecei a fotografar, eu comecei a fazer fotografias no momento que compreendi que me servia para expressar uma ideia.

### **José Julian Martí**

Você tem que descobrir onde está a imagem. O clique do momento, né? E tem que estar muito atento, procurando constantemente, porque estamos rodeados de imagens. Só temos que descobri-las.

Não é que eu monte, eu não monto essas imagens, eu caço essas imagens.

### **Tornaghi**

Cuba é uma pequena ilha de 11 milhões de habitantes, que desde a revolução de 1959 mobiliza boa parte da humanidade. As ideias sobre Cuba são polarizadas, aos que amam e aos que odeiam, mas poucos conhecem. Milhões de visitantes tem curiosidade para ver se a vida dos habitantes correspondem a ideologia professada pelo regime. Fotógrafos de todas as partes do mundo querem esquadrihar a ilha com suas câmeras.

Tive a sorte de fazer essa foto e deixar algo para a humanidade. Não deixo palácios, iates, dinheiro no banco. Deixo uma mostra do meu trabalho, na minha passagem por este mundo. - Alberto Korda - .

### **José Julian Martí**

Ele gostava, principalmente, de ajudar as pessoas. Compartilhava seu conhecimento. Compartilhava tudo. Torna-se fotógrafo leva tempo. Eu acho que o fato de você ter uma câmera na mão não quer dizer que você seja um fotógrafo. Eu acho que isso requer uma grande experiência e um ponto de vista muito importante.

### **Humberto Mayol**

Korda, Corrales, Salas, Libório,, Ernesto Fernández um conjunto de fotógrafos dessa época, estamos falando do princípio da Revolução, tudo era tema da questão revolucionária, a trincheira, a mobilização ... Tudo isso foi mudando. E logicamente os fotógrafos também começam a assumir essa nova etapa de outra forma também, com outra fotografia mais pessoal também.

### **Rene Peña**

Encontrei um livro bem básico que era de técnica fotográfica. Um livro cubano. E foi quando, pela primeira vez, me dei conta: “Posso usar a fotografia como expressão, não só

para fotografar algo que está ali, mas também para expressar algo que está aqui.”. Comecei a fazer fotografia sobre algo que eu pensava e não sobre o que via.

### **Tornaghi**

Em 1989, uma viagem de Mikhail Gorbachev a Cuba anuncia o fim da ajuda Soviética. Cuba entra no que eles chamarão de ‘Período Especial’, metáfora para dizer que o país passaria por grandes dificuldades com o fim do bloco socialista e teria que sobreviver por seus próprios meios. Nunca esquecer que desde o início da Revolução o bloqueio norte americano imposta a ilha, asfixia o povo cubano.

O imperialismo e a revolução mundial devem saber que a Revolução não pode ser derrotada. Nossos amigos em todo o mundo devem saber que nosso povo será capaz de resistir em qualquer circunstância. Devem saber que em Cuba não se derrubará a Revolução.” - Fidel Castro -.

### **Rene Peña**

A sociedade cubana foi muito coletiva ... Muito comunal...Muito comunal... até que chegou o momento do Período Especial.

### **Humberto Mayol**

Foi uma mudança tão grande, tão rara. De repente havia coisas hoje e no outro dia não havia nada. E tínhamos que limitar os negativos para fazer fotos. Eu dizia ao fotógrafo, quando ia a um evento no Palácio de Convenções: “ Tens uns rolinhos para cobrir esse congresso, nesse dia, e dois rolos se o Fidel comparecer.” Geralmente, se Fidel ia, gastávamos os outros dois rolos. Se não ia, não podia gastar.

### **Lisette Solórzano**

A influência do Período Especial é um pouco como ir buscar... com respeito, com muito decoro, pelo menos no meu caso, os problemas e as eventualidades que o país passava naquele momento. Como refletir essas situações nas imagens, sem chegar a fazer uma coisa deprimente. Por exemplo, eu tenho imagens de crianças brincando nas ruas, quase peladas, descalças, mas isso não quer dizer que eles não vão para a escola que não tenham um pouco de comida ou algo para comer. Mas é a situação que se estava vivendo no momento.

### **Rene Peña**

A solidariedade eu creio que é uma prática em tempos de paz porque em tempos de guerra...

### **Tornaghi**

José Julian Martí registra nos anos 90 os balseiras, que arriscam suas vidas em embarcações improvisadas, para tentar a sorte nos Estados Unidos.

### **José Julian Martí**

A foto dos imigrantes foi no ano de 1994. Isso foi muito comum, em toda a costa cubana, de Havana. Nós víamos nas ruas as balsas sendo construídas, todas essas coisas ... E eu

subi no barco de um amigo, e sai fazendo imagens. Toda essa questão da imigração, é muito duro porque separa o indivíduo, as pessoas não tanto por problemas políticos, mas sim por problemas econômicos.

### **Tornaghi**

Hoje a nova safra de fotógrafos cubanos nascido e criada durante a Revolução, tem outros sonhos. E produz outras imagens onde o político tem pouco espaço. Querem o reconhecimento das galerias que comercializarão seus trabalhos em dólares.

### **Rene Peña**

A mudança na fotografia eu acho que tem haver com isso: Ocorreu, espontaneamente, que o discurso de um grupo de fotógrafos se tornou uma coisa mais auto referencial. Era mais importante o indivíduo do que o grupo. Uma das bases das minhas obras tem haver com a contradição que existe em todos nós de que queremos ser indivíduos, mas sem podemos nos separar do grupo.

### **Rodney Batista**

Sempre me interessou estabelecer uma relação com o orgânico, trabalhar com elementos que já perderam sua funcionalidade em determinado plano. E a partir daí comecei a interagir com esse tipo de objeto. Primeiro comecei trabalhando com animais. Depois, pouco a pouco, fui me informando até chegar ao Necrotério do Instituto das Ciências. Eram 15 fetos que iam ser cremados. E então eu tive a oportunidade de conservá-los. Eu não me interessei muito por sobre as histórias desses indivíduos, quem foram realmente.

Ouvi comentários de que muitos desses corpos vinham de pessoas abandonadas ou que estiveram em hospitais psiquiátricos. E eu a partir daí começava a construir a minha história com esses corpos.

Muitas vezes, se alguém tenta interagir com a imagem e não se conecta, pode criar um distanciamento porque as imagens muitas vezes são fortes. Por causa da sua origem. De certa maneira, há todo um tabu ao redor do corpo e da morte como tal. E meu trabalho flertava com esses limites. Mas também era como apresentá-los.

### **Humberto Mayol**

Meu trabalho está dividido em dois grandes grupos. Um deles é a memória compartilhada, toda a parte analógica do meu trabalho. Trabalhava principalmente com foto em preto e branco, com um conceito muito diferente do que eu faço agora. Ou seja, era a fotografia do momento que eu apertava o obturador e pronto. Trabalhava com negativo completo, normalmente com grande-angular, fundamentalmente trabalhava desta maneira ... O tratamento no laboratório era muito limitado, só corrigíamos algum problema de temperatura, mas fora isso não tinha nenhuma manipulação na composição.

### **José Julian Martí**

Como fotógrafo, para mim, o mais importante é documentar a vida do homem. Refletir no trabalho fotográfico, documentar as cenas, mas também influenciar com sua obra em uma parte da sociedade.

Há muitos lugares onde se pratica, como tradição, a briga de galo e realmente, o que está por trás disso ? Um homem que se dedica a criar um animal, que se empenha nisso, para criar esse animal e fortalecê-lo, dando amor e tudo para no final colocá-lo para brigar. Em que pode ganhar pode perder, entende? Por trás disso tudo há uma certa violência que se esconde.

### **Leysis Quesada**

Em 1996 vim para Havana, eu sou do campo, de um povoado pequeno que se chama Amarillas, ao sul da província de Matanzas. Eu queria fazer alguma coisa relacionada à arte, então vim para cá para Havana. Lembro que vim com uma mochila e não sabia para onde ir. Eu tenho trabalhos que são documentais, mas eu tenho outros que não são, são mais conceituais ou mais artísticos. Quando há, por exemplo, uma luz quase sempre estou com a minha câmera, quando o céu está espetacular tirando as fotos.

Estou trabalhando também com as bailarinas. Como minha filha está na escola de balé, cada vez que há um espetáculo, aproveito e faço as fotos pra escola, na performance, quando estão atuando, e no backstage para mim. Há momentos que preparo a cena, mas prefiro, se estou trabalhando com uma modelo, que a modelo comece a mudar de posição.

### **Alicia Leal**

Dentro da poesia, eu busco também uma forma de documentar a imagem, um poema, um instante.

Uma das minhas séries se chama “A partir da borda e da esquina”. São poemas inéditos de Juan Moreira, que é meu esposo, meu companheiro que também é um artista cubano. E a partir daí concebi uma outra série que se chama “Mambro vai à Guerra”, que é uma série dedicado um pouco ao mundo da mulher, da família e da minha relação com minha filha.

A fotografia eu sinto que me permite fazer uma aproximação a um mundo mais íntimo, com a modelo ou com o mundo da mulher...

### **Leysis Quesada**

Eu sou das que seguem as luzes. Estou a todo tempo seguindo as luzes. E a luz natural, principalmente. Às vezes ando com um rebatedor para refletir um pouco de luz. Eu gosto muito dos interiores, das luzes nos interiores, a vida das pessoas nos interiores.

### **Humberto Mayol**

Agora, depois de 2004, 2005 comecei a trabalhar com a fotografia digital, e é a parte que eu chamo de Espaço Cotidiano. O processo criativo vai além de simplesmente de tirar a foto. Eu tiro a foto e depois tem um processo de produção, de intervenção na foto, até a cópia final. Trabalho no computador, ou seja, é um processo totalmente diferente, uma mudança, totalmente diferente do que eu fazia antes.

### **Lisete Solórzano**

Nos primeiros dez anos, quase toda a minha obra era em preto e branco. E eu fazia dessa maneira porque era o que me interessava nesse momento. Quando quis trabalhar e comcei a trabalhar com a digital, passei a ver as coisas coloridas. A hora de ver, o olhar, é totalmente diferente. Incrivelmente. Mas agora, por exemplo, acontece que, às vezes, ainda que eu tire a foto colorida, volta ao preto e branco porque a imagem me pede.

### **Humberto Mayol**

Durante quase cem anos trabalhamos com o filme quase sem mudança ou apenas melhorava o material fotográfico, as câmeras, mas praticamente o conceito, a ideia era a mesma. Eu acho que tenho outras possibilidades de fazer fotografia, outras possibilidades de intervir na imagem fotográfica, posso criar certos ambientes, certas atmosferas trabalhar a cor como não podia fazer antes.

Temos que fotografar muito, temos que olhar, temos que ver o que acontece no mundo. Temos que estar abertos a todas as possibilidades que o meio nos dá. E, a partir daí, nos conhecermos.

### **Rene Peña**

Eu não gosto de usar os olhos nas imagens para evitar contato dramático com quem está vendo a imagem. Como aqui, em que o indivíduo está de costas. Às vezes uso óculos escuros, óculos de sol.

### *Olhares estrangeiros sobre Cuba.*

### **Ira Block**

O olho geralmente é muito escuro. A bola do olho é preta. E a luz reflete no olho e, quando você tem a luz no olho, a pessoa se conecta melhor com a foto. Isso te transporta para dentro da foto.

Algo muito importante de entender é a diferença entre o que a sua mente e os olhos conseguem ver e o que a câmera consegue ver. A câmera não decifra qual foto você vai tirar. Você é quem decide. Você tira a foto. Você faz a foto.

### **Tornaghi**

A maior parte dos fotógrafos que vai a Cuba procura registrar o cotidiano do povo cubano. O experimentado fotógrafo norte americano Ira Block, descobre a verdadeira paixão cubana, o baseball.

### **Ira Block**

O beisebol é um esporte muito puro aqui as pessoas amam esse esporte. E eu não estou tirando fotos do beisebol em ação, não da ação, mas sim da cultura do beisebol e como ela influencia os cubanos. Eu fotografei as crianças, eu fotografei as pessoas nas escolas e só depois que fui fotografar os jogos profissionais. Porque esse é o topo. E nessa viagem, eu percebi que estava faltando fotos das pessoas mais velhas. E eu descobri que tem muita gente, pessoas de terceira idade, veteranos que jogam beisebol juntas. Pessoas de 50,60, 70 anos.

### **Luiz Eduardo Achutti**

Eu nasci em 59, eu tenho um dia a menos que a Revolução cubana. Minha mãe não foi para festejar a Revolução mas o Fidel e o Che tinha entrado em Havana dia 3 de Janeiro de 59 e a minha mãe me teve dia 4 de Janeiro de 59. Meu sonho era ir para Cuba, foi a minha primeira viagem para fora do Brasil, eu era freelancer, eu juntei um dinheiro.

A minha ideia era andar pela rua e fotografar o que me chamasse a atenção no sentido de valorizar, se ouvia o tempo todo falar mal de Cuba, eu não ia pegar um avião pra ir à Cuba falar mal de Cuba, então eu fico em casa.

Eu fui ler, era chamada de crônica visual, eu fazia.. Tipo eu vou ver eu quero ver e ver para mim significa fotografar.

E eu vou voltar para a minha cidade e vou mostrar o que eu vi, né?

### **Alvaro Villela**

O trabalho de Cuba para mim foi um marco, porque foi o primeiro trabalho que eu começo a considerar um olhar autoral ou uma busca desse olhar autoral. Eu sou um fotógrafo que opto, essa é a minha primeira opção é o preto e branco, busquei a cor porque eu achei que o preto e branco não daria conta do vigor que era viver em Cuba naquele momento, a força das cores quentes que eu poderia trazer ali. E aí eu queria exatamente isso, eu queria essa força do cubano. Você tem musicalidade, você tem vontade de continuar de viver. Esse vigor de viver em Cuba é que me interessava e foi isso que eu fui buscar.

### **Walter Firmo**

Em 1985, já em uma certa espécie de distensão eu consegui chegar lá. E aí eu não parei mais, eu já fui de 85 até hoje certamente umas 7 a 8 vezes.

### **Ana Carolina Fernandes**

Eu fui a Cuba em 2005, um prêmio da Folha de São Paulo que eu podia escolher para onde eu queria ir e aí eu fui para Cuba. O meu pai já tinha ido à Cuba em campanha com o Juscelino Kubitschek então não sei...acho que tinha uma coisa, um imaginário...

Mas eu não comungo do amor à Fidel Castro à família Castro. Gosto do romantismo do Che Guevara mas assim... É uma ditadura, eu acho que é uma ditadura uma ditadura de esquerda mas é uma ditadura. Não tem um jornal, várias pessoas foram perseguidas jornalistas, homossexuais e até quem gostava de rock. Acho que a Revolução teve um papel importante, não tem uma criança fora da escola, não tem violência no país.. Enfim eu tenho um amor pelo povo cubano que tem uma dignidade e aquele orgulho que a gente vê na Bahia, por exemplo,

### **Tornaghi**

Mesmo os que tentam criticar Cuba, no final reconhecem a grandeza da ilha e a sua importância no mundo contemporâneo.

### **Dario de Dominicis**

Tenho 15 anos de viagem continuados pelo menos uma vez por ano, alguns anos também 2, duas vezes. E nesses 15 anos sobre tudo quando olho as minhas fotos você não tem a percepção de uma mudança. Visualmente, e sobre tudo na vida de um cubano, não muda nada. Talvez eu fale assim porque as minhas fotos parecem sempre iguais, depois como sempre o meu trabalho foi em preto e branco, as fotos preto e branco desorientam, sobre tudo na realidade mais simples, Que as pessoas vêem em preto e branco já acham que é uma coisa velha. Talvez eu tinha procurado uma certa Cuba, uma Cuba aonde o tempo ficava mais imóvel.

### **Tornaghi**

Este episódio estava finalizado quando no dia 25 de Novembro de 2016, chegou a notícia de que Fidel Castro havia falecido aos 90 anos. Procuramos os fotógrafos que entrevistamos, 3 deles responderam ao nosso pedido de informação. José Martí mais experiente e politizado não estava em Havana. Lamentou por e-mail não ter podido documentar o momento histórico.

“Apenas te digo que todos cubanos somos Fidel. Ele sempre estará em nosso corações e vivo, não só em Cuba, como em todo o mundo. Até a vitória, sempre. Pátria ou morte, venceremos!”

HUmberto Mayol e Leysis Quesado fotografaram o povo nas ruas.